

O crítico no fulgor da maturidade

Dênis de Moraes¹

Moacy Cirne. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis : Vozes, 2001. 220p. ISBN: 85-326.2486-3

Um dos pioneiros da teoria crítica sobre as histórias-em-quadrinhos no Brasil e premiado em Cuba com o Troféu La Palma Real, Moacy Cirne reaparece em pleno fulgor da maturidade intelectual. Nos oito ensaios que compõem este livro, ele conduz-nos a uma viagem pelas fronteiras entre quadrinhos, cinema, artes visuais, poesia e ficção científica — fronteiras tornadas tênues por uma perspectiva transdisciplinar sempre atenta aos desdobramentos da imaginação através das cadeias de signos e sentidos.

Quadrinhos, sedução e paixão propõe uma oportuna reflexão sobre a vitalidade de um gênero narrativo que, resistindo a modismos e preconceitos, ingressa no século XXI com o diferencial de englobar pluralidades estilísticas e ideológicas, mesmo estando sob a órbita consumista do mercado editorial.

No espaço povoado de tiras e balões, indica Moacy Cirne, é impossível falar em formas congeladas e indivisíveis. Com efeito, em suas múltiplas manifestações, os quadrinhos extrapolam o padrão estandardizado dos produtos massivos, de fácil assimilação mas de irrisório potencial para a contestação de valores dominantes. A sua riqueza intrínseca provém da circunstância de evidenciar pontos de vista distintos e elaborações estéticas singulares. Zeferino, Graúna e Bode Orelana — denúncias vivas da miséria nordestina, no traço ágil e corrosivo de Henfil — movem-se lado a lado com as idealizações míticas dos estúdios Disney. As belas caricaturas neo-impressionistas de Chico Caruso coabitam a superfície impressa com os diminutos e atrevidos personagens

¹ Dênis de Moraes, pós-doutor em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, é professor do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação da Universidade Federal Fluminense. Publicou, entre outros livros, *O rebelde do traço: a vida de Henfil* (José Olympio, 1996) e *O Planeta Mídia: tendências da comunicação na era global* (Letra Livre, 1998).

de Sempé. E toda essa diversidade sob o guarda-chuva da chamada indústria cultural — esfera da vida social que alguns dos velhos e brilhantes filósofos frankfurtianos imaginavam infensa a contradições e ambigüidades.

Ao situar os quadrinhos numa zona de confluência de expressões e linguagens, Cirne aponta transformações semióticas em curso e avalia prováveis interseções com as tecnologias avançadas de comunicação. Mas, mesmo nas instigantes análises sobre as interfaces com o cinema, nosso autor jamais perde o foco no essencial: as HQs correspondem a um campo produtivo com moldes específicos, em constantes processos de renovação.

Outro grande mérito de Moacy Cirne é rejeitar vínculos automáticos entre a sua límpida opção por uma arte engajada e a submissão a dirigismos ideológicos. Em momento algum de sua argumentação a favor de uma “poeticidade libertária”, ele deixa de considerar a autonomia do domínio estético frente às pressões de estratégias e táticas políticas — ainda quando estas propugnam por um mundo mais igualitário e fraterno. Como adverte Georg Lukács em seu magistral *Ensaio sobre a literatura*, o compromisso social do artista não deve pôr em risco a liberdade de criação, porque “até mesmo o mais extravagante jogo da fantasia poética e as mais fantásticas representações dos fenômenos são plenamente conciliáveis com a concepção marxista do realismo”.

Admitir o contrário — isto é, a rarefação da independência intelectual em nome de postulados político-partidários — implica aprisionar-se nas paredes frias e ocas do dogmatismo. Moacy Cirne trilha direção oposta à do fenômeno dogmático (tão bem definido por Lucien Goldmann como “o anestesiamiento da consciência crítica de indivíduos e grupos”). As idéias de Cirne remetem à valorização da experiência estética como propulsora do conhecimento sobre a fascinante galáxia humana. E é precisamente por apreço à dialética que ele também consegue associar a releitura do percurso evolutivo dos quadrinhos a um mural das tendências de vanguarda.

Penso ainda que nenhuma outra obra de Moacy Cirne revela tanta influência do veio poético na transcrição dos juízos. Deparamo-nos com um discurso que harmoniza o rigor da erudição com uma escrita sensível, amorosamente magnetizada pelo ímã das histórias-em-quadrinhos. O crítico maduro absorve o “ouro alquímico” que Gaston Bachelard distingue nos sonhos e devaneios dos poetas. Trata-se, em suma, da definitiva simbiose entre a racionalidade que clama por compreensão e a rebeldia que aquece o espírito.